

FOMENTO DE UM (CONCEITO DE) CATL DINÂMICO COMO INTERVENÇÃO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL - ILUSÃO OU POSSIBILIDADE? -

Maria João Caçanheira, Fátima S. Pereira, Florentino Silva
Eva Temudo, Luís Violante

Perante os inúmeros desafios colocados à sociedade contemporânea, em geral, e ao papel da escola [na resposta àqueles], em particular, os Centros de Actividades de Tempos Livres (CATL), enquanto instâncias de educação não-formal, podem configurar soluções inovadoras na articulação do projecto escolar com os desafios sociais, nomeadamente no complemento de projectos e estratégias pedagógicas que visem a socialização das crianças e jovens. Por outro lado, os CATL inserem-se no âmbito das possibilidades educativas que contribuem para a construção de cidadãos participativos, solidários e em, última instância, para a promoção da igualdade de oportunidades (nomeadamente na igualdade de acesso a outros contextos culturais), bem como para a educação de pares ou a partilha intergeracional.

Nesta comunicação, propomos reequacionar a concepção de formação associada aos CATL, partindo de uma dinâmica cooperativa e da ideia de um envolvimento que rompa com o estaticismo das instituições. Entendemos que seria interessante uma ideia de CATL não exclusivamente centrado num espaço circunscrito pré-determinado que constrange, mas antes constituído como confluência de recursos locais e de vontades de actores e instituições da acção educativa do espaço local. Este esforço de agilização dos recursos locais permitiria, proporcionar aos jovens momentos formativos sustentados numa perspectiva de eco-formação ou, seja, consentindo na influência e valorizando o meio como contributo e/ou condicionante do desenvolvimento.

TORNAR POSSÍVEL O SUCESSO ESCOLAR

Maria Alfreda Cruz

Segundo PERRENAUD defendeu entre nós em 2001, invocando a sua própria experiência e ligação ao Laboratório de Investigação Formação e Educação (LIFE), de que é director, a consciência dos investigadores quanto à dimensão do insucesso escolar contava já então 30 anos. Ao interrogar-se sobre o que, neste domínio, se adiantara desde os anos 70 à viragem do século, constatara que mal se passara da fase de definição do objecto... A escola enquanto máquina trituradora aparecera já definida nestes mesmos termos no número que, em 1991, *The Economist* lhe dedicara. Apesar da aposta universal na Educação para Todos, em que o Estado português procurou envolver-se durante os anos 90, na esteira da difusão da escola pública que promovera desde o início do 3º quartel do século XX, nem por isso se deixou de continuar a viver numa sociedade dual, com duas velocidades de desenvolvimento quanto a oportunidades e acesso aos poderes, demonstrando-se à sociedade que o sucesso escolar não é por regra independente da estrutura social. De facto, se o desaproveitamento escolar assume dimensões trágicas é preciso não esquecer que, como em todas as tragédias conhecidas, a taxa de sobrevivência varia consoante as classes sociais em presença. O mistério do insucesso escolar pode ser desvendado recorrendo à problematização do modo como na tragédia do Titanic as desigualdades sociais se reproduziram em face do desafio colocado pelo acesso aos meios de salvamento. Então, o que está aqui em jogo é o sistema autoregulado de que a escola faz parte.